

# NGANI

**A VOZ DA SEMANA, A FORÇA DA VERDADE**

[www.ngani.co.mz](http://www.ngani.co.mz) - Segunda-feira, 16 de Dezembro de 2024 - Director-Editorial: Júlio Paulino

## Gestão Giquira: Desafios superados e resultados visíveis em Nampula



### Venâncio Mondlane: Figura do Ano 2024

**PENSAMENTO DA SEMANA:** “ O maior teste de um governante é a sua capacidade de trazer prosperidade ao povo – Confúcio

#### MENÇÃO HONROSA



**Mais Integridade:** O pilar da transparência nas eleições moçambicanas de 2024

**Pág.13**

#### ECONOMIA

Uma série de eventos impactantes realizados entre 12 e 15 de novembro marcou vários avanços na promoção da igualdade de género no processo de Transição Energética Justa da África do Sul.

**Pág.14**

#### DESPORTO

**50 Anos depois:** Associação Provincial de Futebol de Nampula conta com instalações próprias **Pág.15**





# Adriano Nuvunga: Um modelo de coragem e compromisso

O percurso de Adriano Nuvunga é uma verdadeira fonte de inspiração para quem acredita na importância de uma governação ética e na defesa dos direitos humanos. A sua trajectória exemplifica o compromisso com a construção de um Moçambique mais democrático, mais transparente e mais justo para todos.

LOURENÇO SOARES

Apesar das dificuldades e das ameaças enfrentadas ao longo do caminho, Nuvunga permanece uma figura de referência na luta pelos direitos humanos, pela liberdade de expressão e pela promoção de um futuro próspero para o país.

Ao longo dos anos, ele tem demonstrado que a transformação social não é um processo fácil, mas que é possível quando há coragem, dedicação e a disposição para lutar contra as injustiças. Adriano Nuvunga é, sem dúvida, uma das figuras mais importantes da actualidade, e a sua contribuição para o fortalecimento da democracia e da governação em Moçambique e na África Austral será lembrada por gerações.

Com uma vida dedicada ao activismo e ao ensino, e com um trabalho que vai além das fronteiras do seu país, Nuvunga continua a ser uma inspiração para aqueles que acreditam na mudança e no poder da acção colectiva. A sua de-



Adriano Nuvunga

terminação em enfrentar as adversidades e sua liderança na promoção de um Moçambique melhor são motivos suficientes para o concedermos esta menção honrosa, que reconhece não apenas o seu activismo, mas também o impacto positivo que tem gerado, dentro e fora das nossas fronteiras.

## A trilha do activismo e da luta por Direitos Humanos

Natural de Gaza, Adriano Nuvunga tem sido uma figura central na luta pela preservação dos direitos fundamentais e pela construção de uma sociedade mais justa e transparente. Desde cedo, ele se envolveu com a defesa dos mais vulneráveis e a promoção de uma governação responsável. A sua formação académica inclui um doutorado em Ciência Política e um mestrado em Estudos do Desenvolvimento pela Universidade de Rotterdam, na Holanda, o que o capacitou não apenas para o activismo social, mas também para o papel de pensador crítico das políticas públicas que impactam o nosso país.

Actualmente, Nuvunga é Director Executivo do Centro para Democracia e Desenvolvimento (CDD), uma das organizações mais respeitadas em Moçambique, que se dedica à promoção da democracia, governação, direitos humanos e à luta contra a corrupção. Sob a sua liderança, o CDD tem sido

uma voz activa na defesa de uma sociedade mais justa, denunciando práticas corruptas e incentivando a transparência nas instituições públicas. Além disso, Nuvunga preside ao Fórum de Monitoria do Orçamento (FMO), uma plataforma composta por várias organizações da sociedade civil que visa monitorar o uso do orçamento público e a gestão das finanças do Estado, buscando maior responsabilidade e efectividade na aplicação dos recursos.

Sob sua liderança, o CDD tem se consolidado como uma das principais organizações de advocacia em Moçambique, lutando contra a corrupção, promovendo a educação política e estimulando a participação cidadã. O trabalho do CDD é crucial, pois, num país onde as instituições públicas frequentemente enfrentam desafios de transparência e responsabilização, a actuação de Nuvunga e sua equipe tem sido um farol para aqueles que buscam um futuro melhor para Moçambique.

Além disso, a sua actuação na área académica, como docente na Universidade Eduardo Mondlane, contribui para a formação de novas gerações de moçambicanos que compreendem a importância de uma governação ética e transparente. Ao ensinar Ciência Política e Governação, Nuvunga ajuda a preparar os jovens para o papel de líderes responsáveis e críticos, capazes de

questionar e transformar a realidade política do país.

## O Impacto Internacional e o reconhecimento Global

Nuvunga é também uma voz importante na região da África Austral, onde preside a Rede de Defensores dos Direitos Humanos de Moçambique (RMDDH) e ocupa o cargo de Vice-Presidente da Rede de Defensores dos Direitos Humanos da África Austral (Southern-Defenders). Essas posições demonstram a sua relevância no cenário regional, ao mobilizar esforços para a proteção dos defensores dos direitos humanos e a promoção da paz e da estabilidade em países vizinhos.

Adriano Nuvunga não é apenas uma figura central em Moçambique, mas também possui uma forte presença no cenário internacional. Seu trabalho foi reconhecido pela revista NewAfrican, que o incluiu na lista das 100 personalidades africanas mais influentes de 2022, uma honra que reflete a sua importância não só para Moçambique, mas para toda a África. A publicação destaca o seu activismo na luta contra a corrupção e a sua contribuição para o fortalecimento das instituições democráticas em um contexto de crescente restrição dos espaços civis em vários países do continente.

Além disso, a sua presença em plataformas in-

ternacionais de políticas, como o Centro Africano para a Política Energética (ACEP) e a plataforma INCLUDE, reforça sua posição como um intelectual engajado na análise das questões políticas e económicas que afectam o desenvolvimento da África. Seu trabalho sobre a Economia Política do Desenvolvimento do Gás em Moçambique, que está prestes a ser publicado, promete contribuir significativamente para o debate sobre a gestão dos recursos naturais no país, um tema de grande relevância no contexto actual.

## Activismo em tempos difíceis

A trajectória de Adriano Nuvunga, não tem sido livre de desafios. Em 2022, ele foi alvo de uma tentativa de intimidação quando desconhecidos dispararam projecteis contra a sua residência, deixando claro o perigo que ele enfrentava devido ao seu activismo. No entanto, como ele mesmo afirmou, esses ataques não o desmotivaram, mas reforçaram a sua determinação de continuar a lutar por um Moçambique melhor. Esse episódio tornou-se um marco na sua jornada, revelando não apenas a coragem do activista, mas também os riscos enfrentados por aqueles que se posicionam contra as injustiças.

Em declarações à imprensa após o ataque, Nuvunga reiterou que a ameaça de morte recebida não o afastaria de sua missão. “Não sei se é uma queda de braço, mas o que temos que fazer é continuar a dar a nossa contribuição como cidadãos”, afirmou com firmeza. Para ele, a luta pelos direitos humanos, pela liberdade de expressão e pela boa governação é um compromisso inegociável. Mesmo diante de ameaças, Adriano Nuvunga se mantém firme na sua crença de que a mudança só será possível através da acção colectiva e da defesa dos princípios democráticos.



# Elvino Dias: Advogado do povo, mártir da justiça e voz da verdade

No dia 19 de Outubro de 2024, os inimigos da democracia, incapazes de vencer no debate de ideias, optaram pelo caminho mais sombrio: silenciar para sempre a voz do advogado do povo Elvino Dias com cerca de 25 tiros, em um crime que trouxe as marcas da repressão estatal.



*O advogado do povo*

## REDACÇÃO

O atentado aconteceu num bairro nobre, onde a presença policial deveria ser constante. Elvino estava acompanhado de Paulo Guambe, mandatário do PODEMOS, e de uma mulher não identificada. Testemunhas relataram que uma Mazda BT-50 branca bloqueou a sua viatura. Dela desceram dois homens fortemente armados, que abriram fogo sem hesitar. Elvino morreu no local; Paulo sobreviveu por algumas horas, mas acabou sucumbindo aos ferimentos no hospital.

Elvino Dias destacou-se como uma figura de coragem e resistência durante as últimas eleições autárquicas, em 2023. Foi uma das vozes mais firmes contra as fraudes eleitorais, denunciando irregularidades e questionando a irrevogabilidade das decisões do Conselho Constitucional, um órgão frequentemente associado à validação de resultados manipulados.

Como advogado da Renamo, Elvino esteve ao lado de Venâncio Mondlane em mais de 50 marchas e desempenhou um papel crucial na formação da Coligação da Aliança Democrática. O seu trabalho árduo em defesa da justiça incomodou os

poderosos, que não hesitaram em colocá-lo na lista dos que precisavam ser eliminados.

O crime foi atribuído aos chamados esquadrões da morte, supostamente vinculados a unidades policiais de elite, como o Grupo de Operações Especiais (GOE) e a Unidade de Intervenção Rápida (UIR).

### A luta pela verdade

O assassinio de Elvino ocorreu enquanto o PODEMOS preparava um protesto formal contra os resultados eleitorais que deram vitória a Daniel Chapo, resultados que Elvino e seu partido consideravam fraudulentos. O advogado era a face da resistência, tendo apresentado actas que provavam a verdadeira vontade popular nas urnas.

Essa determinação custou-lhe a vida. Como testemunho de sua relevância, 25 balas foram usadas para calar a sua voz – disparadas em nome daqueles que temiam o impacto da sua luta pela justiça.

### Eu já morri há muito tempo”

Elvino sabia que era um alvo a abater. Em agosto, numa mensagem pública no Facebook, ele previu o seu destino: “Algo me diz que não chegarei a 2025. Eles tentarão ou tirarão minha preciosa vida. Se

isso for para o bem do povo, eis-me aqui.”

Em Setembro, sobreviveu a uma tentativa de assassinato, mas não se iludia sobre o perigo que enfrentava. Sem seguranças e sem recursos, ele repetia com serenidade: “A verdade tem seu preço, e o maior preço é a morte.”

Apesar disso, jamais re-

cuou. Elvino acreditava que lutar pela verdade era uma missão maior do que a própria vida: “Acima da morte está a verdade, e por ela iremos até o fim.”

A morte de Elvino Dias foi mais do que um crime. É um ataque à democracia, à justiça e à liberdade em Moçambique. A sua luta, no entanto, perma-

nece como inspiração para todos que acreditam num futuro de verdade e igualdade. Elvino Dias, uma das nossas figuras do ano, vive na memória do povo que ele defendeu com tanta paixão e determinação. Que a sua coragem ilumine o caminho de quem continua a lutar por justiça





# Venâncio Mondlane: Símbolo de esperança e transformação em Moçambique

Venâncio Mondlane é, sem dúvida, uma das figuras mais proeminentes de 2024 em Moçambique. O seu impacto no cenário político após as eleições de 09 de Outubro trouxe uma nova dinâmica ao país, inspirando debates e reacendendo esperanças de mudanças profundas.

## LOURENÇO SOARES

Com uma trajectória marcada pela coragem e determinação, Mondlane tem-se consolidado como um líder carismático, desafiando estruturas tradicionais e propondo um modelo de governação mais transparente, inclusivo e participativo. A mensagem de Mondlane ecoa entre as massas, especialmente entre os jovens e marginalizados, que veem nele um porta-voz de suas aspirações e frustrações.

Ao longo do ano, ele demonstrou habilidade em unir diferentes segmentos da sociedade, promovendo um discurso que vai além das divisões partidárias e se concentra em questões fundamentais: justiça social, combate à corrupção e reforma das instituições. A sua abordagem tem sido ousada, enfrentando diretamente os desafios de um sistema político enraizado em práticas que muitas vezes excluem a maioria.

## Trajectória e impacto político

Mondlane começou a



Venâncio Mondlane, a nova cara de política em Moçambique

sua carreira política com uma visão clara: promover mudanças estruturais e garantir que as vozes dos mais vulneráveis fossem ouvidas. Durante as eleições de Outubro, ele liderou uma campanha inovadora, utilizando ferramentas modernas de comunicação e mobilizando a juventude como nunca antes.

O seu partido registou um crescimento impressionante, demonstrando que há um desejo crescente por uma alternativa viável ao status quo. Um dos pilares da sua campanha foi a defesa de reformas eleitorais. Mondlane desafiou abertamente as práticas que comprometem a transparência dos pleitos, levantando questões sobre a integridade do sistema e

defendendo mudanças estruturais que garantam a vontade popular.

Esse posicionamento o colocou em confronto directo com forças tradicionais, mas também o consolidou como um líder disposto a lutar pela verdade e pela democracia. Além disso, Mondlane abordou questões sensíveis, como a exclusão social e as desigualdades regionais, propondo soluções práticas que priorizam a educação, saúde e desenvolvimento sustentável. O seu compromisso com a inclusão levou-o a visitar comunidades remotas, onde as promessas políticas frequentemente não chegam. Essas acções reforçaram sua imagem como um líder próximo do povo e comprometido com

mudanças reais.

## Desafios e resistência

O sucesso de Mondlane não veio sem resistência. Ele enfrentou ataques políticos e tentativas de deslegitimação por parte dos seus adversários. Ainda assim, manteve a sua postura firme, utilizando as adversidades como combustível para continuar a sua luta por um Moçambique mais justo e equitativo. A sua actuação no pós-eleições foi particularmente marcante. Mondlane se destacou ao questionar os resultados eleitorais, alegando irregularidades e defendendo o direito do povo de escolher seus líderes livremente. Essa postura gerou tensões, mas também solidificou sua posição como uma figura indispensável

na oposição política do país.

Num momento em que Moçambique enfrenta crises de governação, aumento das tensões sociais e desafios económicos, Venâncio Mondlane representa uma luz de esperança para muitos. Ele simboliza não apenas uma nova visão política, mas também a possibilidade de uma transformação real, baseada em princípios de justiça, transparência e inclusão. O seu impacto vai além da política partidária.

Mondlane inspira uma geração inteira a acreditar que mudanças são possíveis e que o futuro do país está nas mãos de quem ousa sonhar e agir. Ao longo de 2024, ele mostrou que liderança não é apenas sobre ocupar cargos, mas sobre servir, lutar e representar os anseios de um povo que deseja um futuro melhor.

Venâncio Mondlane não é apenas a figura do ano; ele é um símbolo de renovação e resiliência. A sua jornada política tem desafiado narrativas tradicionais, provando que a força de ideias e a autenticidade podem superar os obstáculos mais difíceis. À medida que Moçambique avança para os próximos anos, Mondlane se posiciona como um líder cuja visão e coragem continuarão a moldar o futuro do país.





O JORNAL NGANI DESEJA-LHE

*Feliz Natal e  
Próspero 2025*

QUE O ANO QUE SE  
APROXIMA SEJA REPLETO  
DE REALIZAÇÕES, SAÚDE E  
NOVOS COMEÇOS. FELIZ  
ANO NOVO!

[www.ngani.co.mz](http://www.ngani.co.mz)



## Roberto Tibana

# Saiam do caminho!... Queremos organizar o país!...

**E**stamos a assistir a todo um teatro de “consultas e auscultação ... com todas as sensibilidades...” pelo Presidente da República, convites ao gabinete e entrevistas da Veneranda Juiz Presidente para prestar “esclarecimentos para que as pessoas compreendam como é que o Conselho Constitucional chega às suas deliberações e Acórdãos...” e ao anúncio de “medidas económicas para contrariar ou aliviar os efeitos das manifestações ...” feito pelo menos qualificado membro do Executivo para o fazer (O Ministro dos Transportes e Comunicações – não temos um Primeiro-Ministro que por sinal até acumula com a de Ministro de Economia e Finanças? Ou este já está de férias de Natal e Fim de Ano?).

Temos também o Presidente do Tribunal Supremo que nos vem dizer na televisão que não há mandado de captura contra o Candidato Presidencial Venâncio Mondlane e que se este tiver algo a contestar sobre os processos que lhe são movidos pode fazê-lo “em sede do processo”. Dava para lhe perguntar também se houve um mandado de captura para o Elvino Dias e o Paulo Guambe, e se antes de serem condenados aquela morte macabra houve alguma “sede de processo” onde eles pudessem contestar que alguém se preparava para lhes tirar a vida (algo sobre a qual o Elvino Dias fez avisos públicos que as autoridades não seguiram).

Paralelamente multiplica-se a ofensiva de “condicionamento de mentes” nas Televisões estatais e privadas capturadas e nas redes sociais. Trata-se de uma “nova onda” depois do descrédito a que académicos proeminentes caíram ao

vir tentar propor uma “reflexão” que secundariza o problema principal da verdade eleitoral com o argumento falacioso de que na origem dos protestos pós-eleitorais existem “outros problemas mais importantes do que os resultados eleitorais”. Pretendia-se com isso sugerir que a escolha que os eleitores fizeram do candidato Presidencial Venâncio Mondlane não têm relação nenhuma com a maneira como os eleitores entenderam e se identificaram com a sua postura e a proposta de programa de governação que lhes levou. Pretende-se negar que o que levou as pessoas que o fizeram a votarem nele à medida que o fizeram foi o facto de o candidato Venâncio Mondlane ter-se apresentado com uma postura e um programa que se revelaram aos olhos dos eleitores como alternativas largamente viáveis e credíveis para a solução dos seus “problemas mais importantes”.

A “operação dos académicos” foi (e permanece) insidiosa por pretender usar argumentos aparentemente “científicos”, supostamente fora ou longe do alcance de mentes comuns, para criar uma separação entre a solução desses “problemas mais importantes” de um lado, e o candidato Venâncio Mondlane e as propostas do seu programa governativo de outro, ao mesmo tempo que pretendia criar um outro “espaço de reflexão” que “academicamente” se iria apropriar dessas propostas e entregá-las à Frelimo para com elas se apresentar com uma nova “roupagem” num novo ciclo de governação fraudulenta.

Para mim tudo isto tem o condão cínico de uma operação bem orquestrada de “empurrar tudo pela barriga” até chegar o dia 23 de Dezembro, dia que, como a Veneranda Juíza

Presidente do Conselho Constitucional reafirmou hoje (12/12/2024) em entrevista televisiva, irá anunciar as deliberações do órgão que preside sobre as eleições de 9 de outubro de 2024.

Mas o Presidente da República já sabe o que devia fazer se quisesse ajudar a resolver um problema que o seu partido criou para este país, em particular durante o seu próprio mandato que foi o pior de todos. Não quer. Ponto final. Quer o partido dele no poder à força. Para a Frelimo Moçambique só pode existir com ela no poder. Fala-se de alas, mas todos eles na Frelimo acreditam nisso e querem impor isso à força, mesmo que isso custe um derramamento de sangue nunca antes visto. Depois do anúncio do

Conselho Constitucional a impor a Frelimo fraudulentamente no poder não haverá recurso legal. Por isso que não querem nem sequer realizar um diálogo de todos, refugiando-se em argumentos legalistas em frente de um problema eminentemente político. Querem um pseudo-diálogo sob a hegemonia deles depois de se instalarem fraudulentamente no poder.

A Presidente do Conselho Constitucional também sabe que para chegar à verdade eleitoral tinha outras opções que não esta de uma pseudo-verificação de editais e actas que estão a fazer. Mas também disse para todos ouvirmos que apesar de saber dessas opções nem sequer as contemplaram e ainda não justificou porquê. Óbvio. Qualquer

outra opção que pudesse levar à verdade eleitoral não era conveniente nem sequer de ser ponderada. Só uma única poderia ser contemplada: aquela que mais uma vez vai entregar o poder à Frelimo e nos impor um Presidente que promete ser pior do que o que temos agora, para que o país continue a ser saqueado e a miséria do povo continue. Portanto, já sabemos o que nos espera no dia 23 e daí em diante. Estejamos preparados. O país já anda sob comando de um auto-piloto. O Povo está a dizer “SAIAM DO CAMINHO ... QUEREMOS ORGANIZAR O PAÍS...”, e eles dizem: “DAQUÍ NÃO SAIO, DAQUÍ NINGUÉM ME TIRA ... DOA A QUEM DOER!” A ver vamos, a quem vai doer mais!

## Nota aos leitores

O jornal NGANI informa que estará em período de férias a partir de 17 de Dezembro de 2024, com retorno das nossas edições regulares no dia 13 de Janeiro de 2025. Esta é a nossa última edição do ano. Aproveitamos para agradecer profundamente a sua confiança e companhia ao longo de 2024.

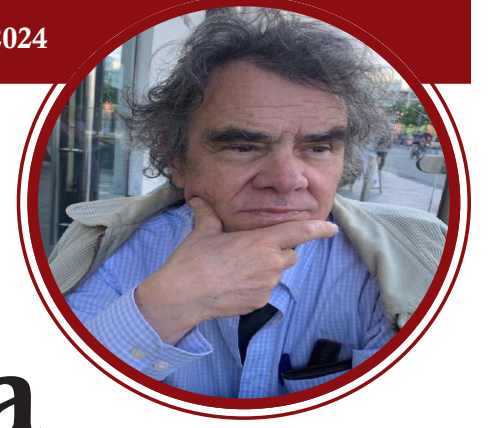
Desejamos a todos os nossos leitores boas festas, com muita paz, saúde e prosperidade no novo ano que se aproxima. Voltaremos com mais informação e compromisso em continuar a ser a sua fonte de notícias de confiança.

Até breve e Feliz 2025!

PUBLICIDADE







Afonso Almeida Brandão

# Uma herança desoladora

(Ao Luís Munguambe Júnior com Amizade, esta reflexão de Esperança)

Algumas leituras recentes e variadas encaminham-me a crónica de hoje para o que tem sido, através dos tempos, a acção humana no Planeta. O que tento deixar aqui são apenas umas linhas genéricas sobre um tema (?) tão vasto e complicado.

Por comparações sucessivas (e sou eu que tento fazê-las, das leituras que recolho) retenho a informação de que o Séc. XX terá sido o de maior capacidade destruidora, muito mais do que todos o que o antecederam. Não tenho qualquer confirmação “oficial” deste facto porque em todos os séculos anteriores a chacina e a mortande são dificilmente enumeráveis. Mas há um pormenor importante, as armas e as técnicas destruidoras do nosso século anterior foram de uma amplitude enorme e cada vez mais progressiva, porque nunca tinha atingida uma tal eficácia de meios.

É surpreendente, claro, se observarmos isto pelo simples código humanista de um respeito normal pela sobrevivência dos outros. É que esse Século 20 foi também o da afirmação de princípios onde o respeito pelos outros foi o mais divulgado e discursado. E continuou a ser até ao seu final. Simplesmente, as agressões continuadas nas várias áreas do Globo não tiveram paragem. Podíamos supor que a Globalização e o estreitamento de relações criariam uma maior compreensão total. Mas a herança que nos ficou do Século Passado, ressaltou uma prática destruidora e persecutória que não esteve, de modo nenhum, em consonância com uma geral teoria da Paz que se foi defendendo um pouco por todo o lado. É a oposição,

a que já tive ocasião de falar em alguns artigos anteriores que escrevi entre a Teoria e a Prática. As palavras não conferiram com os actos, convenhamos assinalar. E o que alguns disseram está em desacordo com o que outros fizeram.

Observa-se então outra contradição, enquanto, por um lado, o Séc. XX foi generoso em abertura e descobertas, estimulou em si contactos e desenvolvimentos, por outro lado veio a criar uma tal sofisticação de armamentos e de actividades destruidoras que não deram descanso aos mais fracos e desprotegidos. Entre as leituras que fiz, e de que dei conta ao Leitor no início nesta crónica, não me calhou ainda (e não sei se existe) uma enumeração factual desses terríveis acontecimentos, na sua totalidade. E de que só gradualmente nos fomos apercebendo, através da comunicação e da investigação, do que se passou, em matéria de sanha mortífera em pontos variados do Planeta. Aqui, a Globalização dos meios serviu, pelo menos, para sabermos um pouco melhor o que às vezes se passou tão longe. E de como foi possível passar-se (e se foi passando) na época mais vinculada ao discurso fraternal.

Esta visão geral de tantos acontecimentos desoladores foi enformando o meu lado um pouco céptico e atónito. Aínda hoje, já em meados do Séc. XXI, a verdade é que me contrange saber que o Homem, a par de numerosos movimentos positivos (e o Séc. XX foi assinalável nesse aspecto, temos de reconhecer-lo), pormenor que não podemos esquecer e que foi também prisioneiro dos piores aspectos da sua ambição, do seu egoísmo e da sua agressividade. Esteve à vista,

aliás. Há quem se referiu tratar-se de uma constante da natureza humana, uma espécie de desvio incompreensível para tirar a vida a outrem. E nessas contradições (somos feitos de contradições, também sabemos) apelamos à Vida e semeamos a Morte com a mesma naturalidade, o que não deixa de ser um paradoxo. E há ainda um certo desconforto: nem sabemos se os Historiadores futuros, ou Investigadores de factos, terão condições mínimas para nos contarem (mais ainda: às Gerações Vindouras) o que fizemos nos últimos 100

anos. De como os fracos e os pobres, ou os indefesos, se viram privados de direitos básicos. De como a devastação e a perseguição foram — e continuam a ser neste Séc. XXI — ininterruptas e mais violentas. Basta ver o que está a acontecer há anos a esta parte, um pouco por todo o Mundo e mesmo aqui, entre nós, em Moçambique e também um pouco por toda a África Austral. Guerras e Violência que tendem a persistir.

Contudo, o que nos vale é que existe ainda (em quem existe, claro está!) UMA VONTADE

FIRME DE RECUSAR, como se pode, tarefas de destruição que são, ao fim e ao cabo, jogo de submissão e de domínio. Hoje mais do que nunca, há que dizê-lo com frontalidade.

E a verdade é que neles fomos vivendo e temos vivido desde sempre — e contra eles vamos continuar, também, a tentar Viver — se é que ainda há Esperança e Bom Senso na Humanidade e sobretudo naqueles que governam o Mundo em que habitamos, cada vez mais transformado num verdadeiro caos imprevisível...

**ATENÇÃO**

Tentativa de Assassinato  
ao Ativista Wilker Dias  
Por envenenamento

Ele sobreviveu e está em recuperação,  
houve também uma tentativa de rapto  
ao gestor de imagem dele



**Juleca Paposseco**

Professora, Cronista e Gestora de Conflitos



# Precisa gritar?

**U**ma mãe estava sentada num corredor de um hospital. Com as suas mãos levantadas, de olhos fechados, mostrava uma concentração invulgar. Ela fazia-se acompanhar por três senhoras. Talvez fossem familiares, amigas ou mesmo vizinhas, a verdade é que estavam todas sentadas lado a lado, do lado direito do corredor. A esquerda havia um quarto, o dos cuidados intensivos, alguns preferem chamar de “sala de reanimação”.

Com isso, percebia-se logo, que as senhoras tinham um familiar em estado crítico. Isto justifica o comportamento da senhora, com as mãos levantadas ao céu. Ela estava orando a Deus. Mesmo em silêncio, deu para notar a conversa que ela estava tendo com Deus. Em silêncio aos olhos dos

homens. Isto recordou-me do Mateus 6:6 que nos diz “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, QUE VÊ EM SECRETO, te recompensará.”

A senhora do hospital parecia estar em conexão com Deus, daquelas que muita das vezes acontecem em casos extremos. Estar em desespero é a melhor definição que podíamos dar aquele momento ou melhor aquela situação em que a senhora estava a vivenciar com o seu doente num quarto, com o acesso restrito, onde só os médicos entram por vezes correndo, por vezes, com os passos normais cochichando entre eles e por outras vezes passam tentando não encarar o rosto dos familiares por ali sentados.

Nesta situação, os médicos parecem tudo fazer para salvar o paciente,

não há mais nada a fazer, se não ter uma conversa com Deus. Uma conversa sincera e de coração aberto, a verdadeira oração. Só Deus e o crente. Neste momento o crente percebe que a única coisa a fazer é mesmo a oração, não há espaço para outras alternativas. Vendo um cenário deste tipo, chego a conclusão de que concordo com os que dizem que a verdadeira oração é feita nos bancos dos hospitais. Concordo com os que dizem também, que a fé em Deus aumenta a 100% em bancos dos hospitais que em qualquer outro lugar. Contudo por ali, as orações são feitas em silêncio. Só o coração conversa com Deus.

Assim sendo, qual é a necessidade das igrejas, conectarem aparelhos de sons ao volume mais alto possível nos nossos bairros? Isto cria poluição sonora sem necessidade. Pois nos bairros tem gen-

te, de todas as igrejas. Há realmente necessidade de poluir todo ambiente, com microfones ligados em orações? Para chamar atenção de quê? De Deus? É realmente necessário gritar para Deus ouvir a nossa oração?

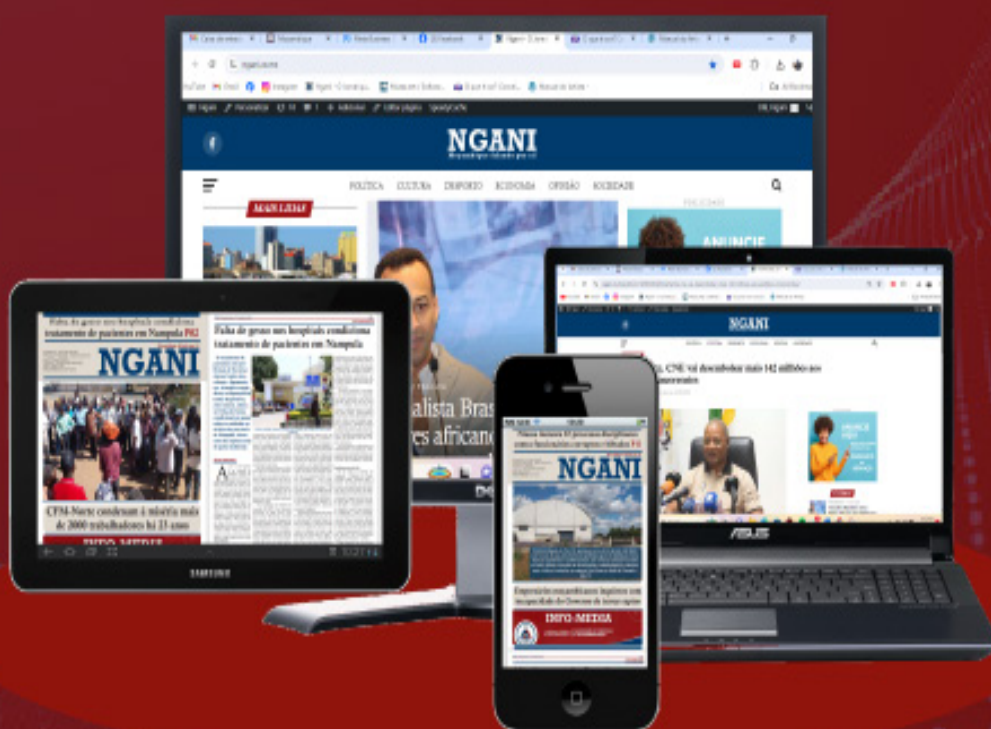
Não que eu esteja contra alguma religião, e desde já peço desculpas aos caros leitores mais sensíveis que se sentirão atacados por este texto que na verdade de ataque não tem nada, mas é muito triste ter que reclamar do barulho numa igreja pelas televisões e rádios, pois fica a parecer que somos contra religiões, ou contra uma dada igreja.

A verdade é que as aparelhagens ligadas ao volume mais alto possível incomodam os moradores, e principalmente aos que não fazem parte daquela congregação. Estes por vezes querem ter um dia calmo, com sua família, mas não podem ter por

que são vizinhos de uma igreja, que apodera do ambiente de todo o bairro. Penso que não há necessidade para perturbar os moradores do bairro circunvizinho, pois cada um está no seu quintal e há que respeitarmos uns aos outros. Cada um é livre de escutar o que quiser, então não acho justo obrigarmos um bairro inteiro a ouvir o que nós queremos. Se essa for a única forma de rezar ou de orar talvez seria bom, afastarmos esse tipo de igrejas das zonas residenciais. Assim tanto a igreja como os moradores poderão ficar à vontade. Contudo, vamos juntos refletir mais uma vez sobre o que Mateus 6:6 diz “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, QUE VÊ EM SECRETO, te recompensará.”

Que Deus nos perdoe, e nos abençoe!

## PUBLICIDADE



# ESTAMOS CADA VEZ MAIS PRÓXIMO DE SI!

Visite-nos:

Av. 25 de Setembro, recinto da Cruz Vermelha

Nampula, Moçambique

Contactos: +258 878932899/823597819

Website: [www.ngani.co.mz](http://www.ngani.co.mz)

## FICHA TÉCNICA:

Avenida 25 de Setembro - Recinto da Cruz Vermelha de Moçambique - Nampula - Registo 23/GABINFO/Março de 2018 - Tel: +258 823597819/878932899/876238540 - E-mail: [semanariongani@gmail.com](mailto:semanariongani@gmail.com)/[jornal@ngani.co.mz](mailto:jornal@ngani.co.mz)

**Chefe da Redacção:** Agostinho Miguel - **Redacção:** António Cintura, Lourenço Soares e Victor Xavier - **Opinião:** Afonso Almeida Brandão, Carlos Mafumissa, Luís Munguambe, Juleca Paposseco - Carlos Mafumissa, Luís Munguambe, Rosário Guambe - **Grafismo e Fotografia:** ngani

[www.ngani.co.mz](http://www.ngani.co.mz)



## Rosário Guambe



# Como sair do presente problema pós eleitoral? - Um jeito típico da Igreja(?), requisitado pelos políticos; da FRELIMO

**P**ara a igreja em geral, sobretudo a cristã, os divórcios são invariavelmente inconcebíveis, por isso inaceitáveis e descabidos. O padre e o pastor, para além da missão evangelizadora, existem para celebrar matrimónios e demais sacramentos, mas raras ou nenhuma vez requisitam dos seus resguardos a autoridade para dissolver seja lá o que fôr como acontece com os juizes conservadores. Encontrei estes versículos na Bíblia Sagrada para conferir isto: “Todo aquele que se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério contra ela. E, se ela se divorciar de seu marido e se casar com outro homem, estará cometendo adultério” (Marcos 10: 11 e 12). Mais ainda saquei mais isto do mesmo livro sagrado: “Todavia, aos casados mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher” (1º Coríntios 7: 10).

É bem interessante embalar-se nesta constante ladainha que me parece o melhor argumento apresentado e defendido pelos moralistas; hoje, curiosamente e por conveniência, muitos políticos confessos

e tantos disfarçados de académicos e de religiosos procuram usar desta ferramenta argumental para salvar o vínculo entre o Povo e o Governo da Frelimo. Mas a relação acre, crítica, grosseira e inconciliável transbordou para fora do quarto e, depois, do quintal também, e está às vistas de todos; os vizinhos e todos os achedados sabem de tudo, os membros da igreja andam todos carrancudos da vergonha do que vêem e ouvem, por isso, murmuram e se livram de toda essa vergonha, fofocando por todo o lado como a Covid 19 se espalhou por todo o mundo. Apesar de tudo isso, os servos de Deus e discípulos de Cristo ainda acreditam na manutenção desta relação e aduzem os versículos acima e tantos outros que a Bíblia Sagrada imortaliza, para apelar e persistir na indissolubilidade da relação.

É esta realidade aplicável para o caso político que se vive em Moçambique? É verdade que sempre se fez crer, mesmo sendo inverdade quimérica, que a FRELIMO e o Povo Moçambicano são duas faces da mesma moeda. Os mais velhinhos assim dizem e os próprios da Frelimo dedicam-se a repetir e reiterar isto, que todos somos da Frelimo, que estudamos graças a Frelimo, que nos formamos e trabalhamos

nas instituições e empresas da Frelimo, etc., etc. São da Frelimo todos aqueles que formaram os outros partidos políticos, os da Renamo, os do MDM, os do PODEMOS (hoje), os do PIMO... todos são da Frelimo que, por alguma razão, saíram dela. É comum ouvir-se isto, “não fosse a Frelimo, não terias alcançado esse grau académico, essa posição no trabalho”, etc., etc. Muitos falam tudo isto com total convicção. Todavia, a malta toda que produziu e editou este refrão e o recita com todas as vozes e melodias em cada momento e situação como se se tratasse de “Ave Maria” doutrinal, não foi educada nem formada pela Frelimo, mas, sim, pelo outro regime, o colonial português e outros. No entanto, nunca ninguém, de entre todos eles, aparece em público a louvar o tal sistema político-governamental que o tornou pessoa culta, com personalidade que exhibe. É tal coisa da igreja, dizer que o homem e a mulher (não sei se o mesmo é aplicável para os homoxessuais), quando se casam, tornam-se uma só carne, mesmo, a olho nú, continuarmos a ver duas pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, vontades e desejos diferentes até antagónicos... E isto só se enquadra no domínio filosófico ou dogmático ou

de outras hermenéuticas, apenas para prolongar e ou mesmo perpetuar a dor e o sofrimento de uns, por um lado, e perdurar e eternizar o domínio e a bem-aventurança dos outros, por outro. As sociedades sempre foram assim e só mudam quando aparece um herege, um louco.

Quis a vida reservar aos moçambicanos esta fase, da extrema tensão da relação entre o povo e o governo da Frelimo; alguns que se armam de cautelosos ou afectados ou afetuosos preferem que se diga que é uma minoria ou uma parte dos moçambicanos que se zangou, que está nas ruas a protestar, a exigir o fim do regime; um fim, conforme se diz, expresso pela vontade do povo nas urnas a Nove de Outubro deste 2024. De tudo quando se fala, nas Tvs, nas rádios, nos jornais, nas redes sociais, um denominador comum ressalva, todos convergem na ideia de que o processo todo desta eleições foi marcado por irregularidades e vícios, quase todos dizem que estas eleições foram as mais vergonhosas, porque as urnas foram enchidas até transbordarem, as actas e editais abusados, delegados e mandatários dos partidos proibidos de estar aonde deviam estar, agentes da polícia envolvidos em actos de intimidação, etc., etc. Mais ainda, o pró-

prio presidente da Comissão Nacional de Eleições reconheceu haver um sem fim de problemas que ele e seus pares escusaram-se de analisar.

Todos vem dizendo isso. Todos corroboram que as eleições não foram creíveis, que quem foi anunciado vencedor pelo órgão supremo deste processo não pode ser legítimo. Mas, curiosamente, todos tendem a dar a entender que é melhor as coisas continuem como estavam: o Povo continuar a ser governado pela Frelimo, e a Frelimo continuar a governar o Povo, porque esta relação vem de longe, são quarenta e nove anos de convivência. Há toda a necessidade de compreensão, da parte do Povo, que as coisas, deste vez, serão diferentes e melhores.

A Frelimo acha que não deve ser adúltera, claro que não será, porque não terá outro povo para governar. Mas ela não quer que o Povo moçambicano seja adúltero, ao aceitar um divórcio litigioso, para se juntar ao outro governante, se calhar sem experiência nenhuma, que, talvez, poderá ser pior. Nisto tudo apenas o Povo deverá escolher, porque só ele sabe o que sente e quais os seus anseios. O resto não interessa nem importa nada ao Povo, nem a honra nem prestígio, que o tempo ajuda a construir tudo isso.

## PUBLICIDADE

# INFO-MEDIA

### Nossos Serviços

- Jornalismo
- Assessoria de Imprensa e de Comunicação
- Gestão de Redes Sociais
- Desenho e Gestão de Projectos

### Contacte-nos

+258 823597819/858275904  
www.ngani.co.mz  
ngani@jornal.co.mz





Luís Munguambe Júnior



# A revolta das populações

Quem somos nós, afinal? Cidadãos, eleitores, contribuintes? Parece que para o sistema, somos apenas peças num jogo de xadrez, movidas ao sabor das conveniências. E, no entanto, há um limite para tudo. Chega o momento em que o POVO, farto de ser explorado dentro do seu próprio País, levanta a voz e grita um sonoro “BASTA!” – porque, convenhamos, não há ouvidos que resistam a um coro de insatisfação bem afinado.

Nos últimos tempos, temos assistido a uma cena digna de cinema: pessoas saindo às ruas, não para passear, mas para protestar. E, no entanto, chamam-nos “desordeiros” e “causadores de problemas”, mas não é curioso como a “desordem” só aparece quando os direitos começam a desaparecer? Protestos são vistos como

“caos” – mas, sinceramente, caos maior não seria continuar a viver numa realidade onde o governo nos “protege” enquanto nos sufoca? Têm medo que o POVO grite, que o POVO reclame, e mais ainda, que o POVO tome consciência da força que tem. Mas será que eles já se deram conta de que a “ordem” que tanto defendem foi a mesma que ignorou a fome, o desemprego, a desigualdade, a falta de esperança? A mesma ordem que impõe o silêncio sobre quem já não aguenta mais? O POVO não é ingênuo – e muito menos paciente – para sempre.

Cara sem vergonha e ainda dizem: “o POVO não sabe o que quer”, como se o fato de não haver um manifesto uniformizado tornasse a revolta sem propósito. Ah, que conveniente! O curioso é que quem está no poder, supostamente mais edu-

cado e esclarecido, parece não ter grandes habilidades para compreender as frustrações diárias da população. Talvez os nossos problemas estejam fora do alcance daquelas mesas de reuniões, onde os discursos são escritos com um distanciamento quase clínico.

E então, para onde vai toda a indignação? O tempo passa, as manifestações continuam e aquele clima de conspiração vai se tornando mais denso. Os olhos do POVO brilham de desconfiança enquanto as promessas se multiplicam sem nunca se materializarem. Fica cada vez mais claro que as palavras são apenas palavras, e as necessidades reais continuam a ser empurradas para o fundo da gaveta. Entre cartilhas de cidadania e discursos oficiais sobre “direitos e deveres”, somos confrontados com a dura realidade: “cida-

dania” virou uma palavra bonita, destinada aos palanques, mas bem longe de nossa vida real. E as promessas de “representação”? Ah, essas surgem em cada esquina, mas quando foi que algum político realmente nos perguntou o que queremos? Parece que o nosso papel é apenas aplaudir, como uma audiência cativa, enquanto o espetáculo político segue com personagens que mal sabemos quem são.

E talvez esse seja o plano camarada: manter o POVO num eterno “aguardar para ser atendido”. Prometem-nos que o nosso momento está próximo, que a nossa voz será ouvida – mas a cada campanha, as palavras são recicladas e os rostos são trocados, e lá estamos nós de novo, na mesma posição. A esperança, por fim, converte-se em resignação. Até quando seremos

meros espectadores, enquanto o show continua?

Então, quando o POVO diz “BASTA!”, essa palavra carrega uma força que os camaradas subestimam. É mais do que uma revolta; é o desejo de um novo capítulo. Que possamos transformar o descontentamento em uma força real para mudar as regras do jogo. Porque, no fim das contas, a verdadeira revolução não acontece nas ruas; ela acontece dentro de cada um de nós. E quando o povo desperta para essa verdade, as cortinas finalmente começam a cair. A grande questão é: até quando vão ignorar o grito que vem de baixo? Porque uma coisa é certa: quando o povo decide fazer-se ouvir, nem mesmo o mais alto dos palácios ou o mais poderoso dos discursos é suficiente para calar o que se tornou impossível de ser contido.

## PUBLICIDADE



UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

No âmbito das comemorações do 25.º aniversário do retorno de Macau, cidade fundadora da UCCLA, à República Popular da China, a UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa e a *Art For All* tem a honra de convidar V. Ex.<sup>a</sup> para a Sessão de Encerramento da exposição “Aqui e Agora” + “Ensemble”, a realizar-se no próximo dia 20 de dezembro, às 18h30, na sede da UCCLA.

A Sessão de Encerramento será precedida pela exibição do documentário “Cidade Ecrã” de Rui Filipe Torres, às 18 horas.

COORGANIZADOR



PATROCINADOR

澳門特別行政區政府  
文化發展基金  
Governo da Região Administrativa Especial de Macau  
Fundo de Desenvolvimento da Cultura

PARCEIROS INSTITUCIONAIS



R.S.F.F.

+351 218 172 950 | uccla@uccla.pt

Avenida da Índia, 110, Lisboa



# MESMO MESMO, SÓ QUERO TXILAR

## NOVA LATA



330ml



250ml



500ml

### **Pensa Diferente. Bebe Diferente.**

A Txilar acredita em desafiar o que é imposto. Vemos o copo meio cheio — de cerveja, e de possibilidades. A Txilar é para aqueles que olham para frente e sonham grande. Nós produzimos para os que veem o mundo, não pelo que ele é, mas pelo que ele pode ser. Fresco, otimista, espontâneo, original e feliz — a Txilar incorpora esses valores porque os nossos consumidores também o fazem.

### **Desafia-te.**

Porquê que nos vamos contentar com o básico? A Txilar é muito mais do que apenas uma cerveja; é um meio para abraçar o extraordinário. A receita única da Txilar inspira-te a libertar o teu "Eu" interior, permitindo-te viver de forma original!

### **Cria o Próximo.**

Txilar é para os jovens e para os jovens de espírito — aqueles que têm sede de aventura e de curtir coisas novas, e exigem mais da sua cerveja. É para os sonhadores, os criadores, os realizadores que moldam os seus destinos e influenciam mudanças. Cada garrafa, é um convite para nos acompanhar na criação do que vem a seguir.

### **Vive com Ousadia.**

Bebe Txilar. Abraça novas possibilidades, explora o desconhecido e celebra cada momento. Txilar não é apenas uma cerveja; é um estilo de vida. Desafia o básico. Podes ser o que tu quiseres.

Porque, no fim, o que **TU** realmente queres é Txilar.

**Txilar. Pensa Grande. Vive com Ousadia. Numa Boa.**

A VENDA E O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS SÃO PROIBIDAS A MENORES DE 18 ANOS. BEBA COM MODERAÇÃO.



# Gestão Giquira: Desafios superados e resultados visíveis em Nampula

**Luís Giquira é o quinto edil de Nampula desde a implementação das primeiras eleições autárquicas em 1999. A sua candidatura não foi vista inicialmente como uma aposta forte nas eleições municipais de 2023, mas o destino sorriu para ele. O empresário, com um percurso sólido no sector industrial, teve a oportunidade de concorrer ao cargo mais desejado da autarquia de Nampula e aceitou o desafio, apesar das dificuldades à frente.**

**AGOSTINHO MIGUEL**

**N**as eleições autárquicas de 2023, Giquira teve como adversários Paulo Vahanle, então edil, pelo partido Renamo, Carlos Saide do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Santos Almeida pela Acção do Movimento Unido para Salvação Integral (AMUSI), Rachade Carvalho, falecido, pela Nova Democracia, Dias Coutinho pelo partido PODEMOS, e Gamito dos Santos da Associação Koxukuru.

Apesar da forte concorrência, Giquira conseguiu conquistar a confiança do eleitorado, sendo eleito para dirigir os destinos da terceira maior cidade do país. No dia 7 de Fevereiro de 2024, ele tomou posse como o 5º presidente



*Luís Giquira: da incerteza ao progresso concreto e notável da cidade de Nampula*

do Conselho Autárquico de Nampula, sucedendo a Paulo Vahanle (Renamo), Mahamudo Amurane (falecido, MDM), Castro Sanfins Namuaca e Dionísio Chereua, ambos pela Frelimo.

Giquira rapidamente constituiu o seu elenco e no dia 19 de Fevereiro de 2024, tomaram posse os seguintes colaboradores: Bernardo Francisco para Administração e Recursos Humanos; Augusto Tauancha para Mercados e Feiras; Cláudia Marques para Actividades Económicas; Pereira Napuanha para Finanças, Planificação e Património; Mustafa Amisse para Manutenção e Obras; Carlos Furumula para Transportes, Comunicação e Tecnologia; Ângela Benesse para Educação, Cultura, Juventude e Desporto; Baulto Duarte para Saúde, Género e Acção Social; Assane Ussene para Salubridade e Gestão Funerária; e Stefan Marcelino para Infraestruturas, Urbanização e Meio Ambiente. Também foram empossados Carlos Coelho e Luciano Augusto como assessores jurídico e administrativo, respetivamente.

Na ocasião, Giquira destacou a importância da entrega abnegada por parte dos empossados, lembrando-lhes da responsabilidade de aplicar

os seus conhecimentos para resolver com urgência os problemas que afligem a cidade.

Logo no início da sua gestão, Giquira se deparou com uma cidade marcada por lixo acumulado, falta de transporte público, buracos nas estradas e tantos outros problemas. Uma das suas primeiras acções foi a remoção do lixo, um problema há muito tempo clamado pela população, especialmente nas áreas mais afectadas pela insalubridade, um verdadeiro atentado à saúde pública. Este gesto foi uma das suas promessas de campanha, e edil se comprometeu a devolver o brilho à cidade de Nampula.

Com o apoio do empresariado local, Giquira lançou no dia 10 de Fevereiro de 2024 a campanha de remoção de lixo no mercado grossista de Waresta. Rapidamente, os resíduos começaram a desaparecer, melhorando a qualidade de vida da população. Igualmente, o autarca resgatou a prática de Amurane de divulgar a receita diária da cidade, garantindo maior transparência na gestão municipal e fortalecendo a confiança dos munícipes.

A pressão popular sobre as condições das vias de acesso na cidade também não foi ignorada. Mesmo com o período chuvoso

dificultando a construção de estradas, Giquira tomou medidas imediatas, aplicando saibro nas vias mais afectadas. Embora o período chuvoso não seja ideal para a reabilitação de vias, uma vez que pode comprometer a qualidade do asfalto, o autarca não hesitou em atender às necessidades mais urgentes.

Diante dos poucos recursos encontrados nos cofres municipais, Giquira recorreu a um empréstimo de 50 milhões de meticais para cobrir casos emergenciais enquanto aguardava o repasse do Fundo de Compensação Autárquica (FCA) por parte do governo central.

Com o fim das chuvas, a primeira grande acção foi o lançamento da primeira pedra para a reabilitação da estrada de Marrere, uma obra importante que os edis anteriores não conseguiram concluir. A estrada de Marrere, considerada um ponto crítico devido à sua ligação com várias infraestruturas essenciais, como o Hospital Geral de Marrere (HGM), a Universidade Lúrio (UniLúrio) e a Direção Provincial da Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional (DPCTESTP), foi uma prioridade para Giquira. Até o momento, a obra encontra-se na fase final, faltando apenas ajustes nas valas de dre-

nagem, cobertura de mais uma camada do asfalto e rampas, com previsão de conclusão ainda este ano.

Giquira investiu também na melhoria das avenidas e ruas da cidade não só colocando semáforos, mas também organizando o piso, com destaque para o bairro nobre de Muahivire, cujas vias por muito tempo foram uma dor de cabeça para os motoristas. Em Agosto de 2024, Giquira deu início à construção de raiz da Avenida Samora Machel, que atravessa importantes pontos da cidade, incluindo o Hospital Central de Nampula. As obras estão em fase avançada, superando os desafios geográficos que dificultavam a reabilitação.

O autarca também fez avanços significativos na área de transportes, recuperando sete dos vinte autocarros adquiridos durante a gestão de Amurane. A expectativa é que 50 novos autocarros sejam alocados à cidade em Janeiro, para atender à crescente demanda, especialmente numa cidade com mais de 800 mil habitantes.

Ainda no ano em curso, o edil de Nampula lançou a primeira pedra para a construção do mercado do peixe vulgo Belenenses. A infraestrutura vai custar um milhão de dólares estará equipada de material moderno para conserva de produtos frescos. Os feitos de Luís Giquira, que inicialmente eram uma incógnita, demonstraram o seu compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos munícipes de Nampula. Em menos de um ano de gestão, ele conseguiu resolver problemas que o seu antecessor não foi capaz de solucionar.

O jornal NGANI, Luís Giquira atribui esta menção honrosa ao presidente como reconhecimento do seu trabalho. Continue assim e esperamos que os próximos anos sejam de grandes sucessos, para a nossa bela Nampula.



# Mais Integridade: O pilar da transparência nas eleições moçambicanas de 2024

O ano de 2024 foi marcado por um trabalho exemplar do Consórcio Mais Integridade, que desempenhou um papel crucial em todas as etapas das eleições gerais realizadas em 09 de Outubro. Desde a observação da campanha eleitoral até a divulgação oficial dos resultados, o Consórcio demonstrou um compromisso inabalável com a transparência, a integridade e a promoção de uma cultura de não violência.

**VICTOR XAVIER**

A actuação do Consórcio começou com a observação da campanha eleitoral, iniciada em 24 de Agosto de 2024. Com observadores posicionados em 80 distritos das três regiões do país, o Consórcio monitorou de perto todas as actividades eleitorais. O objectivo era identificar, denunciar e responder rapidamente a qualquer irregularidade, garantindo que o processo eleitoral fosse conduzido de acordo com os princípios constitucionais e as leis moçambicanas.

Durante o período de recenseamento eleitoral, o Consórcio propôs a remarcação das datas para evitar o pico da época chuvosa, demonstrando uma preocupação genuína com a inclusão e a acessibilidade dos elei-



Parte da equipa do Mais Integridade

tores. Esta acção foi fundamental para assegurar que todos os cidadãos tivessem a oportunidade de se registar e participar das eleições, sem enfrentar obstáculos logísticos significativos.

No dia das eleições, 09 de Outubro de 2024, o Consórcio Mais Integridade esteve presente em todos os locais de votação, garantindo que o processo fosse conduzido de maneira justa e transparente.

A presença dos observadores ajudou a criar um clima de confiança entre os eleitores, promovendo o respeito pelos direitos humanos e a não violência. Além disso, o Consórcio trabalhou em estreita colaboração com as autoridades eleitorais para corrigir qualquer mau funcionamento observado durante o dia da votação.

Após o encerramento das urnas, o Consórcio Mais Integridade desempenhou um papel vital na contagem e publicação dos resultados. Através de um sistema de observação eleitoral robusto, o Consórcio garantiu que os resultados fossem divulgados de maneira precisa e oportuna, permitindo que todas as partes interessadas avaliassem a legitimidade do processo eleitoral.

O trabalho do Consórcio Mais Integridade no ano de 2024 não passou despercebido. A sua dedicação à promoção de eleições livres e justas foi amplamente reconhecida tanto a nível nacional quanto internacional.

A actuação do Consórcio serviu como um modelo de integridade e transparência, contribuindo significativamente para o fortalecimento da democracia em Moçambique e garantir um processo eleitoral justo, transparente e inclusivo, reforçando a confiança dos cidadãos na democracia moçambicana.

## Impacto e Reconhecimento

Num movimento corajoso e significativo, há dias o Consórcio Mais Integridade recusou-se a entregar os editais das

eleições gerais de 09 de Outubro de 2024 ao Conselho Constitucional. Esta decisão, liderada por figuras proeminentes como Edson Cortês, director do Centro de Integridade Pública (CIP) e Jeremias Langa, presidente do MISA Moçambique, foi fundamentada em razões sólidas e um compromisso inabalável com a verdade e a integridade do processo eleitoral.

O Consórcio justificou a sua recusa com base em evidências de fraude eleitoral. Durante o processamento dos editais, especialmente nas províncias de Nampula e Zambézia, onde foram identificadas discrepâncias significativas entre os votos contabilizados nas urnas e os resultados apresentados nos editais. Essas irregularidades incluíam o uso ex-

cessivo de votos especiais, votos múltiplos, anulação e invalidação de votos da oposição, enchimento de urnas e até aliciamento de delegados dos partidos da oposição.

A decisão do Mais Integridade de não entregar os editais ao Conselho Constitucional foi amplamente reconhecida como um acto de coragem e integridade. Este posicionamento fortaleceu a confiança dos cidadãos na democracia moçambicana e destacou a importância de organizações da sociedade civil na protecção dos processos democráticos.

O Consórcio Mais Integridade, sob a liderança de Jeremias Langa, demonstrou um compromisso exemplar com a verdade e a integridade eleitoral em 2024.





# Promoção da Igualdade de Género na Transição Energética Justa da África do Sul

Uma série de eventos impactantes realizados entre 12 e 15 de novembro marcou vários avanços na promoção da igualdade de género no processo de Transição Energética Justa da África do Sul.

NGANI



As beneficiárias receberão formação sobre agricultura sustentável e inteligente e receberão um kit digital (tablets e dados) para apoiar o seu trabalho

Organizado pela Agência do Cluster Verde de Mpumalanga, a unidade de implementação do projeto, com o apoio dos Fundos de Investimento Climático e do Banco Africano de Desenvolvimento, o programa de uma semana teve como peça central um workshop de um dia sobre género.

Também foi combinado com vários outros eventos, nomeadamente o lançamento oficial do Projeto Just Energy Transition Jobs First da África do Sul, a visita de Patrícia Pena, Vice-Ministra Adjunta dos Assuntos Globais do Canadá, e a formação da Unidade de Implementação do Projeto e de funcionários governamentais provinciais sobre as regras e regulamentos do Banco em matéria de aquisições, gestão financeira e desembolso.

“Estamos orgulhosos de apoiar o workshop sobre Igualdade de Género numa Transição Energética Justa e o Projeto “Jobs First” da África do Sul, promovendo os objetivos da economia verde de Mpumalanga, a criação de emprego e uma transição justa e de baixo carbono”, afirmou Nkosinathi Nkonyane, Diretor Executivo da Agência do Cluster Verde de Mpu-

malanga. A Vice-Ministro Adjunta dos Assuntos Globais do Canadá, Patrícia Pena, comentou: “Felicitemos o Governo da África do Sul pela sua liderança, ambição e parceria connosco. Através dos Fundos de Investimento Climático, estamos a apoiar programas de sensibilização e de promoção para criar liderança a partir de dentro”.

Estes eventos reuniram funcionários governamentais nacionais e provinciais, a Unidade de Gestão do Projeto Just Energy Transition, organizações da sociedade civil, incluindo grupos de mulheres e organizações de jovens, agências de desenvolvimento bilaterais e multilaterais, universidades e o setor privado para impulsionar mudanças inclusivas e sustentáveis.

Através do envolvimento direto com os atores locais, o Projeto está a promover um ambiente de colaboração em que é dada prioridade às ideias das bases, construindo alicerces para uma transição energética mais inclusiva, que se centra nas necessidades da comunidade.

Um dos pontos altos da semana foi o lançamento do projeto Just Energy Transition Jobs First

da África do Sul. Apoiado pelo Banco Africano de Desenvolvimento, Fundos de Investimento Climático, Irish Aid, Agência Francesa de Desenvolvimento, e pelo ABSA Bank, este projeto centra-se no reforço das instituições e na capacitação das comunidades locais em Mpumalanga, criando oportunidades de emprego sustentável através da igualdade de género, inclusão social e desenvolvimento de competências.

O Dr. Babatunde Omiola, diretor da divisão de Desenvolvimento Humano do Banco Africano de Desenvolvimento, sublinhou: “Este projeto é um marco fundamental no avanço de uma transição energética justa para a África do Sul, dando prioridade à energia sustentável, à criação de emprego, à igualdade de género e à inclusão social – garantindo que a mudança para uma economia verde beneficia todos, especialmente em Mpumalanga”.

As atividades do projeto Just Energy Transition Jobs First da África do Sul foram discutidas com um dos parceiros estratégicos, a UVU Africa, num projeto para mulheres agricultoras em Bushbackridge.

As beneficiárias receberão formação sobre agricultura sustentável e inteligente e receberão um kit digital (tablets e dados) para apoiar o seu trabalho. Suhana Bisnath, Diretora de Estratégia e Design de Produtos da UVU África, declarou: “Estamos ansiosos por continuar a colaborar com parceiros de todos os setores para garantir que o ‘justo’ na Transição Energética Justa se concretize em todos os cantos de Mpumalanga e não só. Juntos, podemos criar um modelo de progresso que dá prioridade à inclusão e à inovação, construindo um futuro em que ninguém é deixado para trás”.

Outras iniciativas debatidas incluem a criação de um Gabinete de Género na Agência do Cluster Verde de Mpumalanga para facilitar o diálogo entre as mulheres, o mapeamento das mulheres empresárias e o aumento da colaboração entre as redes de mulheres na província. O mandato da AFD na África do Sul apoia a Transição Energética Justa, abordando a pobreza, a desigualdade e as dimensões sociais da transição energética através de um empréstimo baseado em políticas centradas

na governação, no acesso à energia e na diversificação económica. A igualdade de género é uma prioridade fundamental, tendo a AFD colaborado com a Agência do Cluster Verde de Mpumalanga para integrar considerações de género no projeto SAJJOF.

Em conjunto, o workshop sobre género e o projeto “Just Energy Transition Jobs First” da África do Sul refletem o compromisso do Banco e dos seus parceiros de integrar o género e a inclusão social nas iniciativas climáticas. Estes esforços alinham-se com o objetivo mais amplo de promover a parte “justa” da Transição Energética Justa, não deixando ninguém para trás, especialmente mulheres, crianças e agregados familiares vulneráveis.

“Estamos muito entusiasmados por apoiar o projeto SAJJOF e ansiosos por dar as boas-vindas às estrelas em ascensão da transição energética da África do Sul, que estão a mostrar ao mundo como as mulheres podem liderar o caminho”, disse Nina Kolybashkina, Líder de Género e Inclusão Social nos Fundos de Investimento Climático.



# 50 Anos depois: Associação Provincial de Futebol de Nampula conta com instalações próprias



*Museu de Etnologia, onde fica a oficina de Paulino Alberto*

**Volvidos mais de 50 anos que a Associação Provincial de Futebol de Nampula (APFN), funcionava em casas improvisadas, finalmente, já tem instalações próprias mercê dos esforços do actual elenco presidido por Januário Pastola.**

**AGOSTINHO MIGUEL**

**L**ocalizado ao longo da avenida FPLM, cidade de Nampula, o imóvel foi adquirido mediante aos fundos dos sócios que não gostavam do calvário, de estar sempre a arrendar casa para o funcionamento da entidade máxima que gere o futebol Namulense.

Sem entrar em detalhes sobre os valores da compra da casa, o presidente da Associação Provincial de Futebol de Nampula, apenas explicou que a aquisição do imóvel vai flexibilizar o trabalho de

massificação do futebol ao nível desta província.

“Com as instalações próprias acreditamos na melhoria do nosso trabalho, tendo em conta os custos de casas por onde passámos. Aliás, não sei se é desse jeito que os meus antecessores trabalhavam. É difícil hoje você estar aqui, amanhã ali, mesmo que você tenha bons planos, acaba saindo errado por causa de mudanças”, rematou.

Pastola acusa os seus antecedentes de serem cúmplices pelo actual estágio na Associação Provincial de Futebol de Nampula, porque o apoio vindo da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) e seus parceiros terminavam em mãos alheias.

Para o presidente que também foi antigo árbitro de Futebol, entende que este tipo de espírito compromete o desenvolvimento do desporto ao nível nacional e pede aos seus correligionários a seguir o seu exemplo na gestão da APFN, mesmo ciente da falta de recursos para o efeito.

“Nos tornava difícil exigir aos clubes a terem os edifícios próprios porque

nós não tínhamos. Daqui para diante, temos que começar a exigir que cada clube filiado na Associação tenha uma casa própria mesmo que não cumpra com os requisitos internacionalmente aceites”, avisou.

Quem também mostrou-se satisfeito com a proeza alcançada pela Associação Provincial de Futebol são os desportistas. Domingos António Viola disse que, não fazia sentido uma instituição que controla o futebol ao nível da província de Nampula, não ter um edifício próprio.

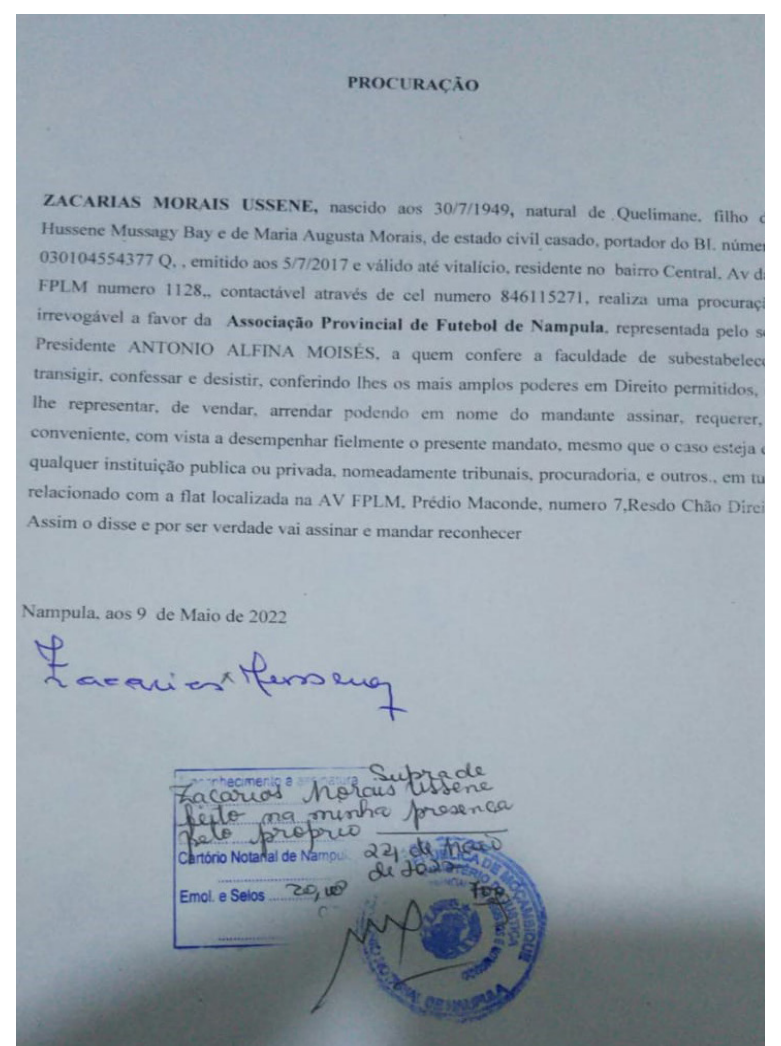
“Aquilo não passava de uma vergonha. Como é possível uma associação que gere o futebol esteja a funcionar nas casas de aluguer. Para onde é que levavam os fundos? A gestão como tal não é feita sem condições mínimas de trabalho e uma dessas condições é tendo sua própria casa”, disse Viola.

A fonte acrescentou que, “eu sei que a direcção liderada por Pastola está interessada em trabalhar para mudar o estágio actual do nosso futebol, mas devemos acomodar jovens visionários na gestão do

futebol, só assim, teremos um futebol justo e transparente”.

Pedro Fogão exorta ao presidente da Associação Provincial de Futebol a estar em alerta sobre possíveis traições no seu elenco, uma vez que há quadros que vão crer se aproveitar do sucesso alcançado para manchar o seu nome.

Além de adquirir infra-estrutura, o elenco de Januário Pastola, conseguiu realizar pela primeira vez em Nampula, a Assembleia Extraordinária ocorrida no princípio deste ano, com único objectivo revisão dos estatutos que eram usados desde 1963 e diversos





Afonso Almeida Brandão

# Síria, um novo bastião do extremismo? Moçambique à beira da guerra civil?

A queda do regime de Bashar al-Assad, que marcou o fim de um ciclo brutal na Síria, não é o fim de um sofrimento, mas possivelmente o começo de um capítulo ainda mais sombrio. A Síria, durante anos marcada pela repressão, pela violência e pelo uso de armas químicas contra o seu próprio povo, está agora diante de um Futuro incerto. O que inicialmente poderia ser visto como uma Vitória para a Democracia e para a Liberdade está a ser eclipsado por uma ascensão ainda mais perigosa de **forças jihadistas**, que tomam o Poder, com Ahmed Al Sharaa à frente, impondo uma nova realidade no País.

Este novo capítulo parece um reflexo de tendências geopolíticas observadas noutros contextos do Oriente Médio, como o Afeganistão e a Líbia, onde as quedas de ditaduras se traduziram não na Paz, mas em um vácuo de poder preenchido por extremistas. O facto de a Vitória contra Assad poder significar a ascensão de forças ainda mais radicais, que agora se posicionam como os novos governantes, traz à tona questões desconfortáveis sobre as consequências de um regime mais tolerado pelo Ocidente do que é frequentemente admitido.

## Novo Talibã ou uma Revolução Radical?

Ahmed Al Sharaa, líder de um movimento jihadista agora com crescente influência na Síria, é uma figura que representa uma viragem drástica. Assim como o talibã no Afeganistão, Al Sharaa visa implementar um regime islâmico radical, com uma forte rejeição a qualquer influência ocidental. O movimento **jihadista**, liderado por ele, é ideologicamente mais alinhado com os interesses da **Al-**

**-Qaeda** e outros grupos terroristas. O apoio da população síria a esse movimento pode ser devido ao desespero de quem viveu anos sob o regime de Assad, mas as suas políticas radicais e repressivas, especialmente em relação às mulheres e aos direitos humanos, ameaçam transformar a Síria num novo bastião do extremismo.

A ascensão de Al Sharaa traz à tona um debate crucial: o que está o Ocidente realmente a apoiar? Se Assad era uma ditadura brutal, a ascensão de grupos **jihadistas** que defendem uma ideologia igualmente opressiva, se não mais, representa uma vitória verdadeira?

## O Colapso de Kadafi E o Caos pós-ditatorial

O que aconteceu na Líbia após a queda de Muammar Kadafi é uma lição clara sobre o perigo de não se ter uma estratégia pós-conflito. Quando Kadafi foi deposto em 2011, a Líbia entrou num período de instabilidade profunda. A ausência de um governo central eficaz permitiu que milícias rivais e grupos extremistas, como os da **Al-Qaeda** e **Estado Islâmico**, tomassem o controle de várias regiões do País. Essa situação ilustra como a remoção de um Ditador não pode ser vista como uma vitória, a menos que seja seguida de um processo claro de reconciliação e construção de um Estado. A queda do regime de Bashar al-Assad, que marcou o fim de um ciclo brutal na Síria, não é o fim de um sofrimento, mas possivelmente o começo de um capítulo ainda mais sombrio. A Síria, durante anos marcada pela repressão, pela violência e pelo uso de armas químicas contra o seu próprio povo, está agora diante de um futuro incerto. O que inicialmente poderia ser visto como uma vitória para a democracia e para a liberdade

está a ser eclipsado por uma ascensão ainda mais perigosa de forças jihadistas, que tomam o poder, com Ahmed Al Sharaa à frente, impondo uma nova realidade no país.

Este novo capítulo parece um reflexo de tendências geopolíticas observadas noutros contextos do Oriente Médio, como o Afeganistão e a Líbia, onde as quedas de ditaduras se traduziram não na paz, mas em um vácuo de poder preenchido por extremistas. O facto de a vitória contra Assad poder significar a ascensão de forças ainda mais radicais, que agora se posicionam como os novos governantes, traz à tona questões desconfortáveis sobre as consequências de um regime mais tolerado pelo Ocidente do que é frequentemente admitido.

Novo Talibã ou uma Revolução radical?

Ahmed Al Sharaa, líder de um movimento jihadista agora com crescente influência na Síria, é uma figura que representa uma viragem drástica. Assim como o talibã no Afeganistão, Al Sharaa visa implementar um regime islâmico radical, com uma forte rejeição a qualquer influência ocidental. O movimento jihadista, liderado por ele, é ideologicamente mais alinhado com os interesses da **Al-Qaeda** e outros grupos terroristas. O apoio da população síria a esse movimento pode ser devido ao desespero de quem viveu anos sob o regime de Assad, mas as suas políticas radicais e repressivas, especialmente em relação às mulheres e aos direitos humanos, ameaçam transformar a Síria num novo bastião do extremismo.

A ascensão de Al Sharaa traz à tona um debate crucial: o que está o Ocidente realmente a apoiar? Se Assad era uma ditadura brutal, a ascensão de grupos jihadistas que de-

fendem uma ideologia igualmente opressiva, se não mais, representa uma vitória verdadeira?

## O Colapso de Kadafi E o Caos Pós-Ditatorial

O que aconteceu na Líbia após a queda de Muammar Kadafi é uma lição clara sobre o perigo de não se ter uma estratégia pós-conflito. Quando Kadafi foi deposto em 2011, a Líbia entrou num período de instabilidade profunda. A ausência de um governo central eficaz permitiu que milícias rivais e grupos extremistas, como os da **Al-Qaeda** e **Estado Islâmico**, tomassem o controle de várias regiões do país. Essa situação ilustra como a remoção de um ditador não pode ser vista como uma vitória, a menos que seja seguida de um processo claro de reconciliação e construção de um Estado. Vamos esperar para der o desenrolar dos acontecimentos, que em nossa opinião deixam muito a desejar...

## E Como é Que Fica Moçambique...?!

O mesmo acontece com Moçambique e com a FALTA DE CORAGEM da desição definitiva e esclarecedora por parte do **Conselho Constitucional** que «não ata nem desata». Enquanto isso, o País virou um autêntico Inferno e os demais Partidos Políticos e os seus responsáveis — a começar pelos “metralhas” da FRELIMO — é que são os ver-

dadeiros responsáveis por toda esta situação dramática, em consequência de 50 anos de (des)governança e roubos sucessivos ao Erário Público, relegando a População para a extrema pobreza e falta de horizontes. E o resultado está à vista... e não sabemos como tudo isto vai terminar. Esperamos que não seja numa Guerra Civil.

E a verdade — DOA A QUEM DOER — é que **Venâncio Mondlane**, do Partido PODEMOS foi/é o Vencedor absoluto das Eleições Presidenciais de Outubro de 2024, pois está provado que as **Urnas** foram viciadas e que os **Boletins de Voto** foram **falsificados** pela FRELIMO —que ainda não entendeu que o seu tempo de “poleiro” chegou ao fim... e que a maioria dos seus Membros responsáveis pelo (des)Governo de quase cinco décadas de roubos, desvios, tráfico de droga e de influências, entre os seus pares e de sistemático compadrio, nada fez senão AFUNDAR o País na Miséria em que se encontra, pois “bateu fundo” por nunca ter tido a orientação e o rumo que devia ter tido no período dos três mandatos dos Presidentes da República **Joaquim Chissano**, **Armando Guebuza** e **Filipe Nyusi**, que que estiveram à frente dos Destinos de Moçambique. Por tudo isso deviam, isso sim, serem todos eles responsabilizados e alguns preso conjuntamente com os seus Ministros e Vice-Ministros), a partir de Janeiro de 2025...

**Fique por dentro de notícias que realmente importam.**

**Assine o NGANI hoje!  
Contactos: 851621795-  
878932899**



# ESTAMOS CADA VEZ MAIS PRÓXIMO DE SI!



Visite-nos:  
Av. 25 de Setembro, recinto da Cruz Vermelha  
Nampula, Moçambique  
Contactos: +258 878932899 / 823597819  
Website: [www.ngani.co.mz](http://www.ngani.co.mz)